

## ARTIGOS

### O Filho das Ondas: Lobo da Costa, Literatura e Teatro no Século XIX

por Vagner de Souza Vargas e Denise Marcos Bussoletti

Sobre o autor<sup>[1]</sup>

Sobre a autora<sup>[2]</sup>

### INTRODUÇÃO

Francisco Lobo da Costa foi considerado um dos escritores mais importantes para a literatura gaúcha do século XIX. Apesar disso, sua obra ainda é pouco conhecida na atualidade. Mesmo assim, a qualidade de seus textos atravessa gerações e encanta àqueles que passam a conhecê-los.

Devido ao fato desse escritor não ter sua obra tão estudada como outros autores de sua época, este trabalho objetiva, de forma breve, relacionar o contexto histórico no qual Lobo da Costa estava inserido e a sua produção, especificamente no campo teatral. Para isso, apresentaremos, sucintamente, alguns fatos relativos a sua vida e obra. Além disso, procederemos uma análise do texto □O Filho das Ondas□, sua única obra teatral completa atualmente disponível.

Na época em que Francisco Lobo da Costa nasceu, Pelotas era o município mais próspero da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. Neste período, o Brasil ainda era um Império, o único na América, pois os outros países já estavam constituídos como Repúblicas. Pelotas vivia o apogeu do charque e da escravidão de negros oriundos da África. Além disso, o Brasil vivia um Estado de Cristandade, no qual os símbolos, ritos, imaginário, moral e contradições cristãs influenciam diretamente no funcionamento econômico, político e sócio-cultural da

→ [Destaques](#)

→ [Fale Conosco](#)

→ [Cadastro](#)

→ [Newsletter](#)

sociedade.

Embora o iluminismo da subjetividade tenha sido considerado o modo de pensar do século XVIII na Europa, o Romantismo preencheu o século XIX. Neste sentido, o caminho para pensar o mundo, o homem, Deus, já não era a razão o foco de explicação sistêmica para os fatos do mundo, enaltecendo, então, o sentimento, a paixão e a intuição. O amor romântico buscava a unidade absoluta dos amantes que se identificam no absoluto. Acrescentando-se a isso, o drama e a tragédia da impossibilidade do amor perfeito e, então, a identificação do amante com o crucificado destruído pelo destino. Dessa forma, percebe-se que o amor que eleva a mulher até o céu é, ao mesmo tempo, a condenação demoníaca da impossibilidade.

Durante esse período do século XIX, a Europa vivia uma revolução no campo das artes, com a publicação de *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas e a encenação da Ópera *La Traviata* de Verdi, em meados daquele século, apresentando uma transição do Romantismo para o Realismo no campo da literatura, dentre outros acontecimentos. Este era o contexto em que muitos dos filhos das ricas famílias pelotenses viveriam durante seu período de estudos na Europa. Porém o Romantismo europeu e do centro do país chegaram tardiamente ao Rio Grande do Sul, visto que, enquanto se manifestava em outras regiões do país, a Província de São Pedro ainda vivia constantes embates pelas lutas em defesa das terras dos grandes estancieiros e de propriedade do Império brasileiro. Esse era um dos motivos que justificava esta região ainda ser pouco povoada (CARLSON, 1997; SAPPER; ZANOTELLI, 2003; BERTHOLD, 2011).

Os textos de autores como Victor Hugo, Alexandre Dumas, Eugène Sue, Walter Scott, Goethe, dentre outros começam a ser publicados em diversos jornais brasileiros, depois de 1830, criando no público o gosto pela leitura de romances e folhetins (ROUBINE, 1992; RYNGAERT, 1995; CARLSON, 1997). Neste sentido, o fato de Frederico Lobo da Costa, aos 15 anos, já estar trabalhando na estação de telégrafo da cidade de Pelotas facilitava o seu contato com obras literárias, visto que havia pouco trabalho a ser feito e muito tempo livre para poder se dedicar à leitura. Durante essa época, lia e recitava Castro Alves, Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e Álvares de Azevedo no próprio local de trabalho. Durante a

década de 1870, no Rio Grande do Sul observa-se a efervescência de um romantismo engajado ou empenhado em temas públicos de interesse da Província, tendo como expoentes escritores como Caldre e Fião, Múcio Teixeira, Aquiles Porto Alegre, Apeles Porto Alegre, Eudoro Berlink, José Bernardino dos Santos, Apolinário Porto Alegre e Bernardo Taveira Jr que exerciam a crítica direcionada a letras rio-grandenses e ainda escreviam poemas. Este grupo de escritores representava a máxima da intelectualidade gaúcha da época, sendo que Lobo da Costa era o único expoente de fora da capital (SAPPER; ZANOTELLI, 2003).

O teatro brasileiro do século XIX estava comprometido com os desejos culturais das elites nacionais. Praticamente todos os textos procediam da Europa, muitas companhias vindas de Portugal apresentavam seus espetáculos pelo país, encenando uma realidade dissociada da atmosfera local. Embora muitos românticos tenham escrito para o teatro, não chegaram a problematizar a questão de uma dramaturgia brasileira, ao contrário do que aconteceu no romance e na poesia. Entretanto, Martins Pena foi responsável por um conjunto de peças capaz de refletir aspectos da realidade nacional (ROUBINE, 1992; RYNGAERT, 1995; CARLSON, 1997).

Nesse sentido, Martins Pena optou pela comédia de costumes, pois acreditava que era o único gênero teatral passível de adaptações ao contexto histórico brasileiro da primeira metade do século XIX. Logo de início, contou com o interesse do eminente ator e encenador João Caetano para adaptar seus textos para a linguagem teatral. Inicialmente, Martins Pena satirizou os costumes rurais, atingindo com seu humor aos pequenos produtores. Logo em seguida, começou a fazer uma releitura da vida cotidiana e urbana do Rio de Janeiro, em especial, da classe média. O teatro de costumes caracterizou-se como a linguagem de expressão teatral mais importante do século XIX no Brasil (ROUBINE, 1992; RYNGAERT, 1995; CARLSON, 1997). Dessa forma, não fica difícil de compreender o contexto literário que serviu como referencial para a criação do poeta Francisco Lobo da Costa.

Entretanto, o teatro gaúcho teve um histórico diferente do que aconteceu com a literatura que o precedeu. Em muito se pode justificar este fato pela explicação de que o Rio Grande do Sul começou a ser colonizado de forma

mais intensa quase dois séculos depois do Brasil já existir. Já durante o século XIX, várias companhias dramáticas, líricas e orquestrais apresentavam espetáculos por toda a Província. Inicialmente, essas representações apresentavam textos de autores estrangeiros ou de fora do Rio Grande do Sul. Porém, a partir da segunda metade do século XIX, começam a ser encenadas as primeiras produções de autores gaúchos, ampliando o seu campo de atuação até a Proclamação da República. Nesse contexto, é que a obra □O Filho das Ondas□ de Lobo da Costa é encenada em Pelotas, Rio Grande, Porto Alegre e várias cidades menores do estado (SAPPER; ZANOTELLI, 2003).

Francisco nasceu neste contexto histórico. Desde muito cedo começou a exercer a função de jornalista e a lutar contra as injustiças sociais, utilizando-se da palavra em forma de poesia como a sua arma de protesto. Assim, Francisco Lobo da Costa pertenceu ao grupo de intelectuais e escritores que, a partir da metade do século XIX, engrandeceu à literatura da Província, ainda sobre influência dos grandes autores românticos brasileiros que escreviam obras literárias liberais e sociais, nas quais dominava o lirismo amoroso e intimista. A literatura romântica brasileira estava rompendo os laços com Portugal, apresentando comportamentos e expectativas pautados nas características locais, no intuito de auto-afirmar a nacionalidade. No Romantismo, os sentimentos começam a tomar o lugar da razão como instrumento de análise do mundo e a vida passa a ser encarada de um ângulo bem pessoal, no qual sobressai um intenso desejo de liberdade. Devido a essa ânsia de libertação, o artista romântico passa a assumir o papel de porta-voz dos oprimidos e usa o seu talento para protestar contra as injustiças sociais e políticas, ao mesmo tempo em que enaltece a pátria e suas representações (SAPPER; ZANOTELLI, 2003).

## **VIDA E OBRA**

Francisco Lobo da Costa nasceu em Pelotas/RS, no dia 12 de julho de 1853, filho do catarinense Antônio Cardoso da Costa e de Jacinta Júlia da Costa, nascida na Bahia, um casal de classe média. Sua família possuía um comércio na cidade, caracterizando-os como uma família de classe média para a época (MAGALHÃES, 1999; SAPPER; ZANOTELLI, 2003).

Durante a década de 1860, após os negócios da família não irem bem, Francisco começa a trabalhar na recém-inaugurada agência de telégrafos de Pelotas. Devido ao baixo volume de trabalho no local, Francisco tinha tempo de sobra para dedicar-se à leitura. No final desta década, abandona esse emprego e passa a dedicar-se ao jornalismo, publicando seus poemas e contos em vários jornais da Província. Não tardou para que o talento do jovem poeta fosse reconhecido pela sociedade pelotense, a qual passou a incluí-lo como figura constante em suas recepções, lhe pedido que declamasse seus versos, encantando a todos os presentes. Após a morte de sua mãe, em 1872, Lobo da Costa transfere-se para Rio Grande, onde publica seus textos em jornais da cidade. Nessa época, começa a escrever para o teatro. Infelizmente, praticamente toda a sua obra teatral encontra-se perdida até os dias atuais (MAGALHÃES, 1999; SAPPER; ZANOTELLI, 2003).

Enquanto sua atividade artística se desenvolvia, a saúde do poeta se arruinava, já que Francisco se entregara ao alcoolismo, o que destruiu com qualquer possibilidade de relacionamento amoroso com alguma moça da sociedade pelotense da época, em especial, Saturnina Elvira que viria a se tornar a mocinha de diversos textos seus. Como esta jovem provinha de uma família da alta sociedade, os reflexos da impossibilidade desse romance marcaram presença na obra do autor pelotense. Em conflito com a sociedade e consigo mesmo, Lobo da Costa entregou-se à melancolia e desabou em profunda depressão. Porém, não deixou de produzir sua obra artística durante esse período. Por vários anos, o escritor trabalhou e colaborou em vários jornais do estado, transferindo sua residência, conforme o local de trabalho (MAGALHÃES, 1999; SAPPER; ZANOTELLI, 2003).

Lobo da Costa é caracterizado como um poeta e dramaturgo romântico, tendo como ponto central de seus textos o subjetivismo, no qual o *EUE* a *vida interior* tendem à elevação, espiritualidade e à liberdade. Esse escritor, apesar de escrever em versos, não se ateu ao rigor da métrica presente nos poetas ligados ao Classicismo, sua obra possuía uma peculiaridade mais ligada à *poiesis* da criação dramatúrgica. Além disso, Lobo da Costa se utiliza de imagens da natureza para refletirem o seu estado de espírito, simbolizando o seu mundo interior. Na obra *Lobiniana*, as situações sociais contraditórias são elevadas à

categoria de argumentos no seu combate por uma sociedade mais justa e sem preconceitos. Em seus textos, comumente personagens históricos convivem com fictícios criados especialmente para aquela obra romântica. Desse modo, com simplicidade, o poeta construiu momentos de beleza e de inegável verdade poética, o que lhe proporcionou grande popularidade a sua época (SAPPER; ZANOTELLI, 2003). A relação de textos de autoria do escritor pelotense, com a sua datação histórica, estão descritos na *Tabela1*.

No ano de 1883, no Theatro Sete de Abril, em Pelotas, houve um espetáculo em benefício de uma jovem atriz rio-grandense, Julieta dos Santos. Lobo da Costa colaborou com um poema a ser recitado no espetáculo. Entretanto, foi impedido de adentrar às dependências do teatro, devido a sua embriaguez, aparência descuidada e aspecto desfigurado. Nesse mesmo ano, Francisco transfere-se para Dom Pedrito, onde produz □O Filho das Ondas□, considerado o seu melhor texto dramático (SAPPER; ZANOTELLI, 2003).

A partir de 1886, Lobo da Costa fixou sua moradia em Pelotas, não trabalhando mais em outras cidades do estado. Francisco faleceu em 18/19 de junho de 1888, na mesma cidade em que nasceu. A indefinição da data de falecimento deve-se ao fato de, no registro policial, constar a sua morte no dia 18 de junho. Entretanto, na certidão de óbito fornecida pela Santa Casa de Misericórdia de Pelotas, consta que o poeta chegou ao hospital ainda com vida, vindo a falecer no outro dia. O poeta foi encontrado nu, quase sem vida, em uma vala localizada no cruzamento das ruas Professor Araújo e Gonçalves Chaves (nomes atuais das ruas), após ter sido assaltado e agredido (MAGALHÃES, 1999; SAPPER; ZANOTELLI, 2003).

**Tabela 1:** Relação das obras do escritor Francisco Lobo da Costa, datas de publicação e gênero literário.

<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Gênero</b>
Heloísa	1869	Romance
Mariposas	?	Poemas
Rosas Pálidas	1872	Poemas
Ela	1872	(perdida)
Espinhos d'Alma	1872	Crônica
Tempestades no Lar	1873	Romance
Romances da Província	1873	Drama
O Mentiroso	1873	Drama
Lucubrações	1874	Crônica
O Maçon e o Jesuíta	1875	Poemas
A Bolsa Vermelha	?	Drama
Os Amores de um Cadete	?	Drama
Brasil e Portugal	?	(Perdida)
Um Veterano	?	Drama
A Cabana de Violetas	1878	(Perdida)
Fantasia de um Morto	1878	Cena
Sabatina	1878	Dramática
Angelina	1882	(Perdida)
Espinhos e Flores	1883	Conto
O Filho das Ondas	1883	Conto
Auras do Sul	1888	Crônica
Dispersas	1896	Conto
Flores do Campo	1904-	Cena
As Melhores Poesias	1905	Dramática
Epopéia Farroupilha	1927	Drama
Os Farrapos ou A Revolução de 1835 no Rio Grande do Sul	1985	Drama
	1985	Poemas
		Poemas
		Prosa e
		Verso
		Poemas
		Poema
		Poema

**Fonte:** SAPPER; ZANOTELLI, 2003.

## O FILHO DAS ONDAS

Este texto teve sua estréia em 30 de setembro de 1883, com a representação pela Sociedade Dramática Popular Thalia Pedritense e, posteriormente, levado aos palcos de várias cidades gaúchas, tendo como artistas Longuinho Saraiva da Costa, Trajano Miranda, Delfino Costa, Leonel Marmontel, Jerônimo Firpo e Cândido Pinto de Miranda. O elenco era todo composto por homens, uma vez que as mulheres não representavam, em Dom Pedrito, naquela época (SAPPER; ZANOTELLI, 2003).

Essa peça é um drama em três atos, composto em versos heptassílabos, sem rimas, contendo uma sátira aos princípios da aristocracia da época. O texto conta a história de Elvira, filha de André, um velho pescador e noiva de Afonso, seu irmão de criação. Afonso parte para a Guerra e Elvira é

abusada sexualmente por Lúcio, filho de um marquês. Desse relacionamento nasce uma menina, que é retirada do convívio da mãe logo após o seu nascimento. Após regressar da guerra e descobrir que Lúcio havia ludibriado Elvira com clorofórmio para conseguir consumir o ato sexual, Afonso desafia Lúcio para um duelo. Nesse momento, são interrompidos pelo marquês que revela o fato dos dois rapazes serem irmãos, já que tal descoberta havia sido feita há pouco tempo em conversa com o pescador André, pois o Marquês, quando jovem, também abusou sexualmente de uma pobre jovem, a qual engravidou, vindo a falecer no parto. Após esta morte, o Marquês joga o seu filho ao mar, dentro de um cesto, levando consigo um anel de sua mãe. O pescador André relatou ao Marquês que seria esta a história de Afonso, desfazendo a trama anterior. Assim, Lúcio e Afonso desistem do duelo e, para reparar o seu erro, Lúcio decide casar-se com Elvira e assumir sua filha. Afonso, sabendo quem é o seu pai biológico e, na impossibilidade de concretizar o seu amor por Elvira, parte em busca do seu destino.

Apesar de o texto ter sido escrito após o término da Guerra do Paraguai, o contexto histórico de seus acontecimentos pode ser associado àquela época, visto que este conflito afetou muito a sociedade pelotense da época em que Lobo da Costa viveu. No intuito de caracterizar a impossibilidade desse relacionamento entre os enamorados Elvira e Afonso, o escritor situa a peça nesse momento histórico, para destacar o fato dos jovens de poucas posses serem obrigados a lutarem em nome de sua pátria naquela guerra. Além disso, voltando como herói da pátria, Afonso dá mais um exemplo do seu caráter altivo, ao abdicar do seu amor para que seu irmão corrija o erro cometido e, assim, Afonso parte, sem concretizar o seu amor, porém com seu caráter intacto.

Por ser um tipo de escrita não usual nos dias de hoje, ao ler esse texto, podemos observar algumas características que remetem a alguns textos da tradicional comédia de costumes francesa, como as escritas por Molière, por exemplo (CARLSON, 1997). Talvez este fato esteja relacionado às situações em que este drama romântico esteja inserido e que parecem cômicas, dada à intensa expressividade romântica das personagens.

Entretanto, ao analisar o texto, observa-se que, apesar do forte rigor técnico e métrico da escrita, Lobo da Costa constroi uma obra livre dos versos Alexandrinos característicos do período de Classicismo. Porém, observa-se nessa escola literária uma forte influência na produção artística desse escritor. Essa característica já seria um indício para se caracterizar essa obra como um Drama Romântico, visto que traz consigo essa oposição ao rigor métrico clássico. Mas, além disso, □O Filho das Ondas□ mostra suas ações reveladas a partir de um complicado enredo, com personagens, apesar de idealizadas, mostrando contradições e ambiguidades morais. Ao contextualizar historicamente, traçando um painel do que seria a situação social da época e uma temática relacionada a uma paixão amorosa avassaladora, impossível de ser realizada, Lobo da Costa imprime nessa obra características peculiares do período de Romantismo. Os Dramas Românticos sofreram influência do Melodrama e, nesse sentido, essa peça poderia ser montada como um melodrama, pois reúne características influenciadas pelas histórias melodramáticas. Porém, não apresenta personagens maniqueístas, características do Melodrama.

Salientamos essas possibilidades, pois, uma montagem atual deste texto poderia enveredar por diversas propostas de poéticas teatrais. Fato esse, que também não impediria a adaptação desses textos para outras linguagens artísticas, como por exemplo, alguns poucos experimentos cinematográficos que têm surgido tendo a obra deste escritor pelotense como base<sup>[3]</sup>.

Inegavelmente, ao ler o texto de Francisco Lobo da Costa, se observa o enorme talento desse escritor, com enredo muito bem construído, entremeado por acontecimentos reveladores, personagens bem construídas, intensas, com conflitos internos. Além disso, apesar do texto ser construído em versos, o autor consegue fazer com que as falas sejam de fácil assimilação pelo leitor e, possivelmente, de identificação pelo espectador. Comumente, os estudos em literatura e dos textos teatrais voltam seus olhos para escritores europeus, norte-americanos ou dos outros estados brasileiros. Por esse motivo, salientamos o valor desse autor, no intuito de conhecer a obra de um escritor gaúcho, poucas vezes levado aos palcos do país após o início do século XX.

### **Considerações finais**

Com esse trabalho pudemos perceber que Francisco Lobo da Costa foi, com certeza, um dos escritores mais talentosos de sua época, conseguindo transpor para a sua obra todas as inquietações do contexto histórico em que estava inserido, com rigor técnico e sensibilidade capazes de tocar a todos que têm contato com seus textos. Além disso, esperamos que estudos visando o conhecimento das produções literárias do interior do Rio Grande do Sul possam vir a se intensificar, com o objetivo de terem em voga um panorama artístico regional em maior espectro, inclusive com adaptações teatrais de textos desconhecidos do público em geral.

### **BIBLIOGRAFIA**

BERTHOLD, Margot. *História Mundial do Teatro*. São Paulo/SP: Perspectiva, 2011.

CARLSON, Marvin. *Teorias do teatro*. São Paulo: UNESP, 1997.

MAGALHÃES, Manoel Soares. *O Abismo na Gaveta*. Livraria Café, Pelotas/RS, 1999.

ROUBINE, Jean-Jacques. *A linguagem da encenação teatral 1880-1980*. Rio de Janeiro; Zahar, 1992.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Introdução à análise do teatro*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SAPPER, A.T.; ZANOTELLI, J.J. *Lobo da Costa: Obra Completa*. Educat, Pelotas/RS, 2003.

---

[1] MSc. Ator, Licenciado em Teatro, pela Universidade Federal de Pelotas/RS. E-mail de contato: [vagnervarg@yahoo.com.br](mailto:vagnervarg@yahoo.com.br)

[2] Doutora em Psicologia. Professora Associada. Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas/RS. Endereço profissional: Rua Alberto Rosa 154, Porto, CEP:96010-770 - Pelotas, RS - Brasil E-mail: [denisebussoletti@gmail.com](mailto:denisebussoletti@gmail.com)

[3] Adaptação de O Filho das Ondas, disponível em: <http://youtu.be/1pIQcaLsxnE>

Solicitar Uso Limitado deste Conteúdo

---

[Editorial](#) | [Expediente](#) | [De Historiadores](#) | [Dos Alunos](#) | [Arqueologia](#) | [Perspectivas](#) | [Professores](#) | [Entrevistas](#)

[Reportagens](#) | [Artigos](#) | [Resenhas](#) | [Eventos](#) | [Curtas](#) | [Instituições Associadas](#) | [Nossos Links](#)